



Corrente Proletária ESTUDANTIL

Ano XII | n. 04 | 26 de Julho de 2023

f Instagram massas.por | anchor.fm/por-massas | pormassas.org | (11) 95446-2020



CONHEÇA NOSSO
PROGRAMA E
MILITE NO POR



POLÍTICA OPERÁRIA

Congresso da UNE escancarou o governismo das direções estudantis

Conquistar a independência política e organizativa das entidades estudantis é a principal tarefa para lutar por condições de estudo, contra as discriminações e em defesa de emprego e direitos para a juventude

O 59º CONUNE reuniu cerca de 10 mil jovens universitários de todo o país. Porém, não serviu para aprovar um plano de lutas capaz de enfrentar os problemas da juventude e da maioria oprimida. A total subordinação ao governismo por parte da direção, encabeçada pela UJS/PCdoB e PT bloqueia a mobilização estudantil.

Já está evidente que o governo burguês de Lula/Alckmin é de continuidade dos ataques aos explorados. Para proteger os grandes capitalistas, se comprometeu a não revogar a contrarreforma trabalhista, previdenciária, lei da terceirização, privatizações e o Novo Ensino Médio. Criou um "Novo Arcabouço Fiscal" que manterá o subfinanciamento da Educação e o salário mínimo de fome (hoje, R\$ 1.320). A Reforma Tributária que sairá do Congresso Nacional certamente continuará a despejar sobre os explorados o peso dos impostos. Os ataques no campo continuam com o avanço do Marco Temporal contra os povos indígenas e a CPI do MST, medidas que contam com apoio tanto da oposição

direitista como de parte do próprio governo, em especial o PSD, MDB e União Brasil.

As burocracias estudantis e sindicais canalizaram todas as lutas sob o governo Temer e Bolsonaro para as eleições e integraram a frente ampla burguesa em torno da candidatura de Lula/Alckmin. Agora dizem que é preciso apoiar o governo contra o bolsonarismo, enquanto os mesmos políticos e partidos que golpearam Dilma e deram sustentação ao governo Bolsonaro passam a ocupar mais espaço no governo, da vice-presidência aos ministérios.

A *Corrente Proletária Estudantil* atuou no Congresso da UNE fazendo um chamado para que a UNE rompa com o governismo e os estudantes se unam à maioria explorada em torno de um programa próprio de reivindicações, por empregos, salários, direitos e terra aos camponeses e indígenas. Essas reivindicações não serão conquistadas junto com o governo burguês, mas sim em oposição revolucionária a ele.

Política das correntes estudantis no 59º CONUNE

A UJS continuará na presidência da UNE, ganhou a eleição com mais de 70% dos votos, apoiada por Kizomba/PT, Levante Popular da Juventude, Mutirão (Pátria Livre/PCdoB), Afronte (Resistência/PSOL) etc. Essas organizações atuaram juntas na defesa do governo para enfrentar o "fascismo", precisando, no máximo, empurrar o governo para a esquerda. A vitória dessa linha política é um bloqueio à independência do movimento estudantil frente aos governos e patrões.

A "oposição" na UNE se dividiu com a adesão de setores do PT ao aberto governismo. Porém os "opositores" Correnteza (UP), União da Juventude Comunista (PCB), Juntos (juventude do MES/PSOL) apresentam uma variação da mesma política governista e reformista, envernizada com algumas críticas.

Também estiveram presentes agrupamentos menores que defenderam uma oposição classista. Porém, essa linha não conseguiu se projetar, seja pela vacilação na linha das correntes Rebelião/PSTU (que chamou o voto crítico em Lula/Alckmin no segundo turno) e da Faísca/MRT (que nem mesmo se definiu perante o segundo turno). Apesar das diferenças, nós da Corrente Proletária Estudantil fazemos o chamado às correntes que reivindicam a necessidade de erguer uma oposição classista ao governo e lutar pelas reivindicações a construir uma oposição prática, de ação e mobilização dos estudantes. Algumas iniciativas frentistas começam a despontar no movimento sindical, com atos contra o arcabouço fiscal e marco temporal. Devemos fortalecer tais iniciativas a partir da formação dos comitês e assembleias nos locais de estudo, trabalho e moradia.

Palanque para os politiquês

A direção burocrática da UNE eliminou espaços democráticos de debate entre os estudantes e expressão das correntes oposicionistas, ao mesmo tempo em que transformou o CONUNE em um enorme palanque para politiquês burgueses. Lula, Camilo Santana e outros ministros, a presidência do PT e de outros partidos, secretários do governo e até um ministro do STF, Luís Barroso tiveram toda a liberdade para iludir a juventude. É preciso constituir uma fração revolucionária no movimento estudantil para recuperar a democracia e colocar e conquistar a independência perante a burguesia, seus partidos e instituições.

Burocratização, desorganização e caráter festivo são parte da política de conciliação de classes

Desde 1979 a UNE se mantém nas mãos da UJS/PCdoB, com exceção apenas do período de 1987-91, quando o PT ocupou a presidência da entidade. Para manter o controle burocrático, essa corrente aparelhista e degenerada, que usa a UNE como trampolim político, se vale de todo tipo de acordo com partidos burgueses e de fraudes.

Uma das formas de manter o poder é impedir a politização dos estudantes. Isso se dá por meio da dispersão, provocada pelos imensos atrasos e desorganização no alojamento e alimentação. Chegaram ao absurdo de cancelar as plenárias sobre o movimento estudantil e substituir os grupos de Educação e Conjuntura por palestras com pessoas escolhidas pela direção.

Forma e conteúdo estão ligados: a forma burocrática e festiva serve à política de conciliação de classes, entorpecendo a consciência da juventude. A democracia operária e a

disciplina (necessária para aproveitar ao máximo o tempo e presença de milhares de jovens) estão ligados à política revolucionária, que depende da politização da juventude para debater e aprovar as bandeiras e métodos mais ajustados à realidade. Somente uma juventude consciente e ativa pode voltar do Congresso a suas universidades e organizar a luta pelas reivindicações.

A **Corrente Proletária Estudantil** chama as correntes e estudantes que se opõem ao governismo para erguer uma oposição democrática e combativa no interior da UNE. A oposição aparelhista, que no fim das contas tem a mesma política, não nos serve. Mas uma frente única em torno das reivindicações e métodos de luta terá grande valor para ajudar as massas trabalhadoras e estudantis em movimento.

Como combater a exclusão da juventude do ensino superior e as opressões?

A lei de cotas, aprovada em 2012, com a indicação de revisão após 10 anos, teve grande destaque no CONUNE. Todas as correntes se embocaram na defesa da manutenção ou ampliação da política cotista. É fato que a imensa maioria da juventude está excluída do ensino superior, sobretudo do público. A principal barreira está na brutal exploração do trabalho e na separação entre o trabalho manual e intelectual, fruto da divisão do trabalho. O desemprego, a precariedade e a miséria sacrificam a imensa maioria da juventude. A opressão sobre mulheres, negros, transexuais, dentre outros, torna a inserção desse contingente ainda mais difícil, ou restrita a determinados cursos.

A reivindicação de acesso de toda a juventude ao ensino superior público foi abandonada, enquanto as direções se adaptaram ao privatismo e ao corporativismo. O discurso democratizante encobriu o PROUNI e o FIES. A Corrente Proletária da Educação defende que se aplique as cotas e rechaça os ataques direitistas, meritocráticos e racistas a elas. É preciso, porém, aprender com a experiência recente. As cotas não foram e não serão capazes de eliminar o racismo ou de acabar com a exclusão da juventude do ensino superior, assim como as demais ações afirmativas não modificam a condição de miséria e opressão que assola a maioria preta e pobre do país e se agravou na última década. Por isso, levamos ao CONUNE as bandeiras de fim de toda forma de exame de ingresso, pelo livre acesso de todos que queiram estudar. Para isso, é preciso expropriar a rede privada de ensino, e constituir um sistema único público, gratuito, laico, vinculado à produção social e controlado pelos que estudam e trabalham. Para garantir a universalização do ensino superior, com financiamento de acordo com as necessidades da comunidade universitária, é preciso romper com o pagamento da dívida pública. Essas lutas colocam a juventude no campo da política do proletariado para transformar, pela via revolucionária, a propriedade privada dos meios de produção em propriedade social. Esse caminho é o único capaz de atingir as raízes de classe da opressão sobre a mulher, negros, indígenas, homossexuais e transexuais.

Juventude e internacionalismo proletário

O CONUNE esteve de costas para os rumos da conjuntura mundial, marcada pelo prolongamento da Guerra na Ucrânia, acirramento da Guerra Comercial entre EUA e China, crise bancária e a destruição ambiental. Fenômenos que têm o potencial de levar a humanidade ao extermínio, seja por meio de uma guerra nuclear ou pela catástrofe climática. Essa conjuntura confirma que não é possível reformar o capitalismo e atesta os limites das ilusões reformistas, dentro e fora do Brasil. É urgente que a juventude se coloque sob o programa do internacionalismo proletário para acabar com a dominação da burguesia, que nos arrasta para a barbárie social.

A Corrente Proletária Estudantil chama a juventude a se erguer pelo fim da Guerra na Ucrânia; por uma paz sem anexações e imposições do imperialismo; pelo desmantelamento da OTAN e suas bases militares; pela autodeterminação e integralidade territorial da Ucrânia, fora as tropas russas!

PARTICIPE DO GRUPO DE ESTUDOS DO MARXISMO DO POR

No dia 9 de agosto retornaremos com o estudo e discussão do **Programa de Transição da IV Internacional**. Trata-se de um documento fundamental na luta dos revolucionários para superar a crise de direção, que como vimos afetas os mais diferentes setores e movimentos, como no caso

o movimento estudantil.
Reuniões nas terças-feiras, às 19h
Entre em contato para receber o link.



Informe-se também sobre formações presenciais da CPE/POR, nos estados em que atuamos.